

O olho de Hertzog, de João Paulo Borges Coelho

SUELI SARAIVA
Universidade de São Paulo/CNPQ

As inscrições de abertura de *O olho de Hertzog*¹ advertem que nesta viagem pela história de Moçambique no “rescaldo da Grande Guerra”, o leitor poderá ser enredado na aparência enganosa das coisas, considerando que “a realidade não passa de uma massa de contornos imprecisos”; “os olhos não vêem coisas mas sim figuras de coisas que significam outras coisas”; e “nada do que a história conta seria verdadeiro...”. São palavras emprestadas de Durrell, W. G. Sebald e Ítalo Calvino, que servem de valiosas chaves de acesso à desafiante narrativa histórico-ficcional que João Paulo Borges Coelho (JPBC) vai lapidando nas mais de quatrocentas páginas deste seu romance, vencedor do Prêmio Leya 2009.

O olho de Hertzog é comandado por dois narradores alternados: um em terceira, outro em primeira pessoa. O narrador em terceira pessoa é o mediador da experiência moçambicana do ex-soldado alemão Hans Mahrenholz, que se juntara às tropas alemãs na África Oriental durante a guerra deflagrada na Europa no início do século. Uma guerra mundial à qual o continente africano colonizado não ficaria imune. Ao contrário, conforme recorda o historiador de Burkina Fasso, Joseph Ki-Zerbo, em *Para quando a África?*: “Durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais [...] contribuímos, como seres humanos, para defender os princípios sagrados da dignidade humana”. Quanto ao segundo narrador, trata-se do próprio Hans Mahrenholz, que apresenta a sua versão das aventuras protagonizadas nos chamados “territórios ultramarinos”. Uma história iniciada como missão bélica, mas cujo desfecho foi uma enigmática busca pessoal por um lendário diamante, extraído das minas da África do Sul e possivelmente extraviado em terras moçambicanas.

1. Alfragide: Editora Leya, 2010.

Para dar conta dessa dupla experiência de Mahrenholz, o enredo é montado como um jogo de encaixe de peças aparentemente díspares na engrenagem narrativa, tornando-a um instigante exercício de leitura. O trânsito é livre entre o drama da guerra e a trama de suspense; sendo a última repleta de elementos policialescos (bandoleiros, falsas identidades, caça ao tesouro, damas em perigo, perseguições, assassinatos etc.). Tudo girando em torno da pedra milionária, batizada de *O olho de Hertzog*, da qual o protagonista tomou conhecimento ainda no campo de batalha.

Nesta poliédrica narrativa, a história do diamante traz na esteira a saga dos africânderes da África do Sul, defensores do separatismo em relação aos colonizadores britânicos, como um suposto meio de defesa da cultura trazida por seus ancestrais holandeses. Nesta busca da “pureza” bôer, os africânderes nacionalistas se tornariam, por conseguinte, perpetradores também do *apartheid* dos negros sul-africanos. O magnífico diamante, que primeiramente caiu em mãos boeres, foi batizado de “O olho de Hertzog”, em alusão ao Partido Nacional do general Hertzog, fundado em 1913, com o objetivo de promover a “libertação” bôer. Pelo seu valor monetário, os partidários de Hertzog o consideravam o caminho para a sonhada emancipação: “queriam dizer que aquela era a lente com que Hertzog os faria ver o novo mundo” (p. 363). Nada disso, contudo, dizia respeito a Hans Mahrenholz. Essa era uma missão ideológica encampada por um grupo paralelo de personagens oriundo da África do Sul (Klopper, Van Zyl etc.).

No rastro da milionária pedra, outras personagens, assim como Hans Mahrenholz, seguem para Moçambique, cada qual carregando uma densa narrativa pessoal que poderia se desdobrar numa trama infinda. Eis a magnitude desta obra de JPBC, em que o leitor se depara com temas, tempos e espaços narrativos que não são um fim em si mesmos; antes, são caminhos seguros para a exploração de um mundo ficcional que, mergulhado na realidade histórica, vai se revelando tão desarticulado quanto a própria História. Pelo “olho de Hertzog” são travadas batalhas de toda ordem.

O jogo ficcional é permeado, ainda, por acontecimentos insólitos. A começar pelo aventureiro embarque de Mahrenholz, em Hamburgo, em 1917, no dirigível *Navio Aéreo África*, para uma viagem oficialmente sem regresso: “em África não havia condições de reabastecer o *Afrika Luftschiff* de combustível e gás para tornar possível a viagem de regresso. [...] O aparelho seria desman-

telado à chegada” (p. 49). O objetivo da “ousadia quase insana”, segundo o próprio Mahrenholz, era reforçar as combatidas tropas do *Kommandant Lettow-Vorbeck* que, no plano da realidade, foi um temerário oficial alemão que lutou contra as forças inglesas, os King’s African Rifles, na África Oriental, durante a guerra de 1914 a 1918.

Sujeitas ao escárnio do leitor apressado, as cenas que descrevem a chegada de Mahrenholz à África (da p. 51 em diante) merecem, no entanto, uma leitura cerrada pelo seu evidente valor na economia do enredo. No melhor estilo das narrativas heróicas, fantasiosas e inverossímeis dos narradores dos primórdios do gênero romanesco, de Daniel Defoe a Júlio Verne, Mahrenholz não se intimida ao descrever suas façanhas heróicas durante o tumultuado voo do dirigível, inclusive dando asas ao seu imaginário eurocêntrico sobre o que encontraria no continente africano: “...monstros africanos que nenhum de nós tinha visto mas nem por isso se coibia de adivinhar” (p. 54).

Já no campo de batalha, o narrador observava que as atrocidades cometidas sob ordem europeia eram avidamente compartilhadas por batalhões de soldados africanos, os *askaris*. Embora considerados fieis e disciplinados, uma pergunta sobre esses sanguinários guerreiros colonizados não escaparia a Mahrenholz: “Eu, Deus me perdoasse!, não consegui deixar de me perguntar como seria no dia em que essa crueza tão espontânea dos *askaris* se virasse contra nós” (p. 75). A resposta, sabemos, viria algumas décadas mais tarde! A aventura africana do soldado europeu é, portanto, marcada tanto pelos horrores bélicos da tecnológica guerra europeia quanto pelo “the horror” tropical eternizado no *Heart of Darkness* de Joseph Conrad.

Após meses de experiência de guerra, Mahrenholz se dispersa da missão bélica e parte em missão pessoal para a capital de Moçambique (a então Lourenço Marques), apresentando-se ali como Henry Miller, um suposto empresário sondando oportunidades de negócios, ou ainda um jornalista sul-africano, mas na verdade seu interesse único era descobrir o paradeiro do lendário diamante.

A história de Mahrenholz em Lourenço Marques serve, no entanto, de pano de fundo para um outro propósito temático, isto é, o relato (e denúncia) da situação da colônia portuguesa no início do século XX. Enquanto o mundo se debatia em sangue em defesa dos Estados soberanos ameaçados, nos territórios africanos dominados pelo colonialismo, os povos eram vio-

lentamente despojados de seus direitos coletivos e individuais pelos mesmos europeus defensores dos “princípios sagrados da dignidade humana”, conforme recorda Ki-Zerbo.

Para tentar apreender essa realidade, o leitor percorre as ruas da capital moçambicana como se fosse guiado por um *travelling*, observando através dos olhos do narrador a disparidade entre a vida da população trabalhadora de negros africanos, em sua luta pela sobrevivência no cais do porto ou nas minas da África do sul, e uma mínima elite europeia ou europeizada vivendo num mundo paralelo de consumo, acumulação e luxo. Lourenço Marques revelava-se, pois, “uma cidade de pedra envolvida numa falsa azáfama de bem-estar e de progresso, mas cercada de uma auréola cinzenta feita de força bruta, sofrimento e palha: o mundo dos condenados. Numa só cidade, duas. Lado a lado” (p. 291).

Enquanto dá andamento à sua missão secreta em busca do diamante, o narrador perambula nas ruas da capital, ciceroneado por ninguém menos que João Albasini, o pioneiro jornalista moçambicano. O mestiço, rebelde e incansável crítico das desigualdades sociais no período colonial, cuja voz, altissonante e sarcástica, se fazia ouvir pelas páginas do histórico *O Brado africano*, jornal que ajudou a fundar em 1918. A reconstrução dessa emblemática personagem e do seu periódico é um dos fortes traços, neste romance, da veia histórica que caracteriza as narrativas de JPBC.

Como efeito de verossimilhança dessas peregrinações por Lourenço Marques e arredores, a narrativa utiliza como elementos paratextuais diversos recortes de anúncios comerciais da época, escritos em português, e até inglês, espalhados pelas fachadas e vitrines das lojas, bares, tabacarias, hotéis, cinemas, farmácias, lavanderias, consultórios médicos, escritórios de importação etc. Tudo, naturalmente, no espaço urbano mais central, pois à medida que os olhos do narrador se afastam do espaço exclusivo dos colonizadores, o único anúncio que se vê escrito, grotescamente em pedaços de madeira, em língua local é: “*Ni xavissa makhala, Vende-se carvão*” (p. 191 e outras). Contra esse estado de segregação social e, especialmente, pelo direito dos colonizados à educação, é que se levantava João Albasini, o *Nwadzinguete*, em seus inflamados editoriais, cujos fragmentos são reproduzidos no romance. “*Nwadzinguete* quer dizer a primeira luz da manhã, luz da alvorada, luz do renascimento. *Nwadzinguete* quer dizer esperança. É esse o nome africano de João Albasini” (p. 198).

Os editoriais de Albasini, juntamente com os anúncios comerciais e outros paratextos denunciatórios, iluminam a leitura de *O olho de Hertzog* no que se refere ao espaço colonial moçambicano. E, quando vista com as lentes corretas, toda a teia narrativa construída desde a Alemanha, passando pela África do Sul dos boeres até os campos de batalha nos territórios da Tanganyika na África Oriental e Moçambique, vai revelando aquela aparência enganosa das coisas referida nas epígrafes, como a indicar, conforme vocifera João Albasini em um de seus editoriais, que “*as ambições, as inconcebíveis vilanias da ambição humana [...] tornam o Homem o maior inimigo do seu semelhante! Posse, absorção, Eis tudo!*” (p. 291-292). No final das contas, a história humana tem sido uma busca incessante – individual ou coletiva – por algum lendário “olho de Hertzog”. Assim conclui o jornalista: “*Ruíram todos os teoremas; a velha mentira caiu por fim como máscara inútil...*” (idem).

Ao fim e ao cabo, a poliédrica narrativa de JPBC, o quebra-cabeça que ele propõe a seus leitores, talvez seja a sua forma de encarnar literariamente algo da famosa máxima da nona tese de Benjamin “Sobre o conceito de história”: “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado...” (op. cit.:226). Mas, em sua escrita, João Paulo Borges Coelho volta-se para o passado não apenas para revelar as ruínas de “uma catástrofe única”, mas para reconstruir, artisticamente, “uma cadeia de acontecimentos” que jamais deve ser ignorada no discurso contemporâneo, pois está na base das modernas sociedades africanas e europeias, e não só. O autor espalha as peças do tabuleiro da história e nos convida reorganizá-las, na medida da consciência de cada um.

Recebido em 08 de abril e aprovado em 17 de maio de 2010.